

DINÂMICAS DE ENGAJAMENTO: ANÁLISE DE TRAJETÓRIAS EM UMA RÁDIO COMUNITÁRIA

DYNAMICS OF ENGAGEMENT: ANALYSIS OF TRAJECTORIES IN A COMMUNITY RADIO

Ricardo Gonçalves Severo*
Renata Vieira Rodrigues Severo**

Introdução

A participação em movimentos sociais (MS) e seus objetivos é tema de reflexão de diversas correntes teóricas. A Teoria da Mobilização de Recursos (McCARTHY; ZALD, 1973) centra-se no aspecto racional ou estratégico da participação, considerando quais “ganhos” seriam oriundos do engajamento. A Teoria dos Processos Políticos – TPP (McADAM; TARROW e TILLY, 2001) considera também aspectos racionais, sem desconsiderar elementos culturais, dando ênfase para o que se denomina “dinâmicas e ciclo de protestos”. A Teoria dos Novos Movimentos Sociais – TNMS (PICHARDO, 1997) por sua vez, dá maior importância aos aspectos “culturais” e “identitários”, e

seu objetivo não é a tomada do poder político, mas a diferenciação cultural.

Considerando alguns aspectos das referidas teorias, este artigo segue a proposta de Alonso (2009) de buscar uma síntese das contribuições sobre movimentos sociais, considerando críticas e limites. Adota-se o aspecto racional da ação dos sujeitos envolvidos nos movimentos sociais (a partir de agora MS), o que vem determinar suas capacidades de agência dentro de uma dada estrutura social (JASPER, 2004), sem considerar tal aspecto como elemento apriorístico da ação ou tampouco realizando uma separação arbitrária das emoções e razões, mas como continuidade.

Ademais, a tensão entre estrutura e agência é compreendida a partir de uma

* É cientista social. Doutor em Ciências Sociais. Professor adjunto da Universidade Federal do Rio Grande (ICHI/Rio Grande/RS/Brasil). Áreas de Pesquisa: Movimentos Sociais; Engajamento; Trabalho. rg.severo@hotmail.com.

** É cientista social. Especialista em Gestão de Pessoas. Técnica Administrativa em Educação na Universidade Federal de Pelotas (Pelotas/RS/Brasil). Áreas de pesquisa: Gênero e violência; Trabalho feminino. renatavieira_rs@hotmail.com.

perspectiva construtivista, a qual não vê preponderância apriorística em um dos elementos, mas os vê como momentos integrados da análise sociológica (CORCUFF, 2001) e varia um ou outro elemento de acordo com a posição dos sujeitos dentro da rede social analisada. Para tanto, adota-se a compreensão de estruturação de espaços sociais (GIDDENS, 2009) a partir das diferenças de capitais valorizados pelo grupo de referência (BOURDIEU, 2010) sendo, no caso da presente pesquisa, os capitais militante (MATONTI; POMPEAU, 2006) e político (BOURDIEU, 2004) os mais valorizados, dos quais têm posse, preponderantemente, os sindicalistas que coordenam a rádio.

Também consideram-se os ciclos de protesto como elementos aglutinadores de ativistas, adotando ainda os processos temporais e a diferenciação entre elementos relacionados às oportunidades estruturais, atinentes às estruturas de mobilização, e que tratam das dinâmicas de socialização, elemento preponderante no texto. Por fim, é levantada a questão da importância da identidade como elemento relevante para mobilização, mas como mediação e consolidação de laços sociais e não como finalidade do movimento social nem restrito ao aspecto cultural, mas também abrangente do político.

Para a compreensão teórica e da operacionalidade da pesquisa, parte-se da definição de que os movimentos sociais são “redes de interações informais entre pluralidades de indivíduos, grupos ou associações engajadas em um conflito político ou cultural, com base em uma identidade coletiva compartilhada” (DIANI, 1992, p. 13).

Partindo destas premissas teóricas, o artigo busca compreender quais elementos são relevantes para o entendimento do processo de adesão, engajamento e desengajamento de sujeitos que passam a se com-

preender como *militantes*, considerando as estruturas disponíveis, o período histórico e a forma de participação destas pessoas nessas redes.

Assim, o artigo apresenta trajetórias de envolvimento de ativistas em uma rádio comunitária no sul do estado do Rio Grande do Sul, que surgiu no ano 2000, faz parte de um bloco histórico de contraposição contra o neoliberalismo e é bancada por organizações ambientalistas e sindicais ligadas à Central Única dos Trabalhadores (CUT), pelo movimento estudantil, por ativistas culturais e partidos políticos – em especial, o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido Comunista do Brasil (PC do B) – o que a leva a se definir como “de esquerda e defensora dos movimentos sociais”.

Essas dinâmicas apresentam o processo de participação na rádio e também na rede militante e servem como um material para análise de como se dá a trajetória de atração, permanência e afastamento de ativistas dentro de uma estrutura que existe há quinze anos, podendo expressar diversas etapas de mobilização de acordo com o contexto e local de atuação tanto desta organização quanto dos sujeitos envolvidos. Busca-se desenvolver quais elementos se mostraram significativos para a atração de ativistas para uma organização política por meio das narrativas dos atores pesquisados.

Através das falas e experiências desses sujeitos – apresentados de acordo com sua forma de inserção e em uma ordem lógica de adesão, engajamento e desengajamento – pretende-se colaborar com a compreensão de quais são os elementos pertinentes para a aproximação e o engajamento em organizações que fazem parte de um movimento social.

A pesquisa foi realizada entre 2011 e 2013 por meio de observação participante

(ANGROSINO, 2009), realizada pelo acompanhamento do cotidiano da rádio com a participação do autor deste artigo na execução de programas, reuniões de coordenação e assembleias, além do desempenho de tarefas de operador de som e secretário, que viabilizaram sua aceitação e inserção junto aos diversos agentes da rádio. Tais práticas tornaram possível a realização de uma *descrição densa* (GEERTZ, 1989) que identificou os elementos mais valorizados entre os militantes, considerando falas e atos, e assim, conseqüentemente, o que estrutura as relações entre estes sujeitos.

A partir desses dados, realizaram-se entrevistas¹ com pessoas que tinham participação significativa e continuada na rádio por um período superior a cinco anos. Quando se percebeu quais dinâmicas sociais eram recorrentes e significativas, partiu-se para a realização de entrevistas, estando os autores cientes da crítica de Bourdieu sobre a ilusão biográfica (1996; 2010), segundo a qual o entrevistado buscará dar uma coerência à sua biografia de acordo com a sua realidade presente. Perspectiva abraçada, pois nesta construção de coerência, em contraste com as práticas do entrevistado, é que aparecem construções sociais mais interessantes para a pesquisa, ao se desenharem as possíveis formas futuras de ação destes sujeitos, assim como os espaços que podem privilegiar no futuro. Houve, portanto, continuidade da observação das práticas e falas destes sujeitos.

Em suma, buscou-se compreender a construção de suas biografias e a relação que elas estabeleciam com seus ativismos, sem adotar a perspectiva de uma necessária

disposição para a política anterior à entrada na rede militante. Há uma reflexividade sobre a possibilidade percebida de poder acionar gostos pessoais no espaço da rádio. Tal elemento resulta na permanência no engajamento, ou no abandono da organização. Optou-se pela apresentação dos entrevistados e organizações utilizando-se pseudônimos.

1. Agentes sociais: indivíduos e organizações engajados na rádio comunitária

Para a apresentação das dinâmicas de adesão, engajamento e desengajamento, utilizam-se as situações e falas de sujeitos engajados na rádio por oferecerem, pelas suas vivências, uma melhor compreensão sobre esta realidade.

Procura-se apresentar apenas uma parcela dos integrantes desta rede, em especial os sujeitos-chave para compreensão do problema proposto, em razão de sua centralidade e frequente presença, assim como pela importância que representam para a constituição, a manutenção e a ampliação da *rede social militante* e de acordo com sua categoria ocupacional à época de ingresso. Os sindicalistas (Claudio, Renato, Airton e Lauro) cumprem papel organizador do espaço da rádio. Via de regra, ocupam posições de coordenação e é das entidades às quais pertencem a responsabilidade com a manutenção financeira da rádio. Servem, ainda, como modelo comportamental para os demais integrantes. Muitos foram filiados ao PT ou ao PC do B. Os sindicatos dos quais participam são ligados à CUT e eles são “liberados” de suas atividades profis-

1. Todas as entrevistas foram realizadas pelo autor do artigo, após participação continuada nos diversos espaços de militância dos entrevistados, seguida da observação das categorias valorizadas por eles e do estabelecimento de relação de confiança.

sionais originais, trabalhando como articuladores de seus respectivos sindicatos.

Os estudantes universitários entrevistados (Mari, Daniel, Diogo e Paulo) tiveram na rádio suas primeiras experiências militantes. São os sindicalistas os agentes de socialização primários² na rede militante, sem, no entanto, adotarem a integralidade de perspectivas políticas destes, em especial a partidária.

Os operadores de som (João) são funcionários da rádio, recebendo salário-base da categoria. Têm experiência prévia em alguma atividade em comunicação e estão em uma relação mais significativa de subordinação às normas do espaço social.

Também consideram-se os ativistas sem militância prévia (Gusmão e Antônio), que correspondem à maioria dos participantes da rádio e se aproximam pelo interesse em comunicação. Com a participação continuada, alguns passam a integrar-se na rede de ativistas e a exercer atividades de coordenação e organização da rádio.

Consideram-se como integrantes da rede organizações, tais como: Instituto de Estudos Políticos (IEP), local de formação política e debates sobre regimes militares e democracia – o protagonista da criação deste espaço é um professor universitário que foi presidente do PT na década de 1990 em cidade do interior do Rio Grande do Sul; Organização Ambiental (OA), fundada em 1983, que formada por profissionais liberais e estudantes – contava também com muitos integrantes do PT e, após a eleição de 2000, quando este partido foi eleito no município, passou a integrar a sua gestão, ocupando secretarias do meio ambiente e de urbanismo; Coletivo Étnico, criado re-

centemente e composto majoritariamente por estudantes universitários; Coletivo Anarquista, também composto por estudantes universitários e sindicatos, em especial os de Alimentação e Bancários. Tais organizações estruturam a participação dos indivíduos na *rede social de militantes* e integram os agentes em outras formas de ativismo que não aquele exclusivo à rádio, mantendo-os integrados nas suas diferentes etapas.

2. Dinâmicas de engajamento

As trajetórias são estudadas para a compreensão do processo de entrada, permanência e saída de ativistas em uma organização militante, que não ocorrem sempre da mesma maneira, e sim variam de acordo com as particularidades biográficas de cada um. Essa é a razão pela qual o seu mapeamento, considerando o período prévio à entrada na rádio, mostrou-se tão importante para a análise. Verificou-se uma variedade de razões e formas de ingresso que desmentem um perfil único do militante. Confirmou-se que é no processo de adesão às redes especializadas que ocorre uma fixação de *habitus* ativista, verificado nas formas de sentimento de pertencimento e de obrigação diante dos outros integrantes e da organização.

Da perspectiva da organização, foram observados “tempos de engajamento” diferenciados, partindo de uma perspectiva estrutural, ao perceber o trânsito de militantes dentro dela ao longo do tempo, e como o encontro de indivíduos com tempos de investimento emocional diferenciado (AMINZADE et al., 2001) influencia na

2. Os sindicalistas Renato, Cláudio e Airton cursaram a faculdade de comunicação social e nela recrutaram os estudantes apresentados no artigo para participarem da rádio.

dinâmica da organização. Enquanto alguns se encontram em um estado de euforia pelo recente ingresso, outros estão sufocados pela rotina e pela percepção de poucos resultados atingidos.

Tal ângulo de análise possibilita apreender elementos como a agência (ORTNER, 2006; ELIAS, 1994) diferenciada de cada integrante, além de ser verificável a existência de um *habitus* (BOURDIEU, 2010). Este se impõe àqueles desprovidos de capitais militantes (MATONTI e POUPEAU, 2006), os quais se constroem ao longo da participação e apreensão das regras do campo social e dos capitais políticos (BOURDIEU, 2004), oriundos de autoridade advinda da ação nas redes, e que possibilitam que estes sujeitos distribuam responsabilidades para os demais. É uma forma de poder específico, acionada pela legitimidade conquistada por meio do ativismo.

O emprego da história de diversos ativistas para compreender os períodos diferentes de militância considera que mesmo com a verificação de uma lógica comum a todos, há diferenças nos tempos de investimento, participação e distanciamento dos MS. Conclui-se assim, que esses espaços são constituídos de maneira heterogênea. Aspectos geracionais aparecem como elemento significativo no estudo de ciclos de mobilização e de formação ideológica (MANNHEIM, 1952).

Localizados historicamente e em determinado espaço social, inseridos em uma organização social no setor de comunicação (GOHN, 2010), os agentes da rádio trazem para ela novos temas e envolvem uma gama maior de organizações e sujeitos através do contato de redes sociais diversas; atuam através da adoção do *habitus* do grupo e sua adaptação contextual, de acordo com suas trajetórias.

Por tais razões, apresentam-se as lógicas militantes compreendendo a adesão, a continuidade e o desengajamento. Dentro de cada um destes elementos, estão contidos casos de ativistas nesses trajetos – representativos dessas etapas na vida dos militantes – considerando a sua biografia que se dá pela participação diferencial em redes sociais, pela relevância de suas redes e a conexão que fazem entre as suas *esferas de vida* (TARROW, 2009).

As categorias internas a cada uma das etapas de participação foram pensadas de acordo com os elementos que se mostraram como significativos para os militantes e apresentados de maneira sequencial de acordo com a fase de participação em que se encontravam. O primeiro elemento a ser considerado é a adesão aos MS.

2.1. Adesão

Etapla inicial do ativismo, o ingresso dos indivíduos numa rádio comunitária pode depender do caminho que os levou até esta organização. Para muitos, é um período de entusiasmo com o ativismo e de busca por mudanças de situações percebidas como injustas. Assim, para a adesão interessam as *oportunidades estruturais, laços sociais, recepção, riscos e a ausência de constrangimentos biográficos*.

Seguindo tal encadeamento lógico, considera-se a possibilidade de ingresso no movimento social por alguma inclinação pessoal pela causa, por contatos ou por sentimentos. É um espaço oferecido àqueles que podem ter alguma disposição ao ativismo específico decorrente de alguma experiência prévia atinente ao tema, mas que não tinham como dar vazão a tal desejo. O caso de João ilustra a possibilidade de acionar uma disposição adquirida em outra

esfera de vida e que pode ser relacionada à participação na estação como maneira de realização de um desejo sublimado.

Na rádio, ele teve a oportunidade de fazer algo da “época de guri”, e assim satisfazer uma disposição prévia de sua juventude. Quando era adolescente, teve oportunidade de trabalhar em uma rádio em sua cidade natal até o início dos anos setenta, quando decidiu ir para Porto Alegre para prestar vestibular. João tinha um irmão que já era estudante na universidade, razão pela qual foi morar na casa dos estudantes. Ficou pouco tempo lá, dada a conjuntura política – havia grande perseguição por parte da ditadura militar – ainda que, à época, ele próprio não fosse muito ligado à questão política.

Eu tinha medo da repressão política e preferi deixar pra depois, deixar as coisas acalmarem. Meu irmão foi embora pra Curitiba. Até pra não ter problema nenhum. O pessoal invadiu a casa, tinha nome de pessoas. Eu caí fora e fui trabalhar. Aí então eu abdiquei da faculdade pra trabalhar. Dois anos depois eu já casei. Mas o sonho era trabalhar em jornalismo, rádio, continuar na comunicação. Até por que não tinha aquela questão política dentro de mim (João, operador de som, março de 2012).

Após tais episódios, João passou a relacionar a comunicação com a questão política, com seu curso universitário e também com a participação que teve, mesmo tendo sido breve, com o sindicato de radialistas, ao qual foi filiado. Fato marcante em sua vida, foi a perseguição a seu irmão, que também teve de deixar por algum período seu curso.

Assim, naquele momento, participar do curso de comunicação e ser radialista significava um risco. João fez o que McAdam (1986) denomina como análise de riscos do ativismo, ou seja, considerar perigos de forma antecipada. Permanece implícita, em determinadas situações, a escolha racional.

Morando em uma cidade do interior do RS desde 1983, João permaneceu durante muitos anos como trabalhador autônomo. Em 2002, sua esposa fez um curso em que conheceu um operador de som participante da rádio comunitária e o convidou a participar.

João foi até a rádio, aonde conheceu os sindicalistas Cláudio, Renato e Airton. Após conversa com a coordenação, foi-lhe dado um espaço para participação. Depois da saída de um dos operadores de som, João começou a receber o valor do piso salarial de radialista pelo trabalho e permanece na emissora desde então. Assim, depois de muitos anos sem participar de maneira regular de uma rádio, foi-lhe oferecida a oportunidade de voltar a trabalhar como comunicador, podendo novamente acionar esta disposição.

“O gosto pela rádio”, como havia dito, foi o motivador inicial de sua participação. A rádio é a oportunidade estrutural que se abre a João, num contexto macrossocial em que uma emissora com cunho político esquerdista é relativamente aceita, não sofrendo o risco de perseguição pelo Estado da mesma forma que ocorreria no período ditatorial, sendo uma estrutura que permite *acionar* esta disposição – ou gosto – que tinha por comunicação e política.

Também as redes sociais³ construídas por indivíduos e organizações mostraram-

3. Compreende-se que redes sociais são um instrumento de análise que permite a reconstrução dos processos interativos dos indivíduos e suas afiliações a grupos, a partir das conexões interpessoais construídas cotidianamente (FONTES; STELZIG, 2004).

se elemento fundamental para compreender o ingresso e a permanência dos indivíduos no ativismo. Tais redes, conforme McAdam (1982, 2001), constituem o elemento interno de suporte para um ciclo de protestos e consolidação dos movimentos sociais. Estas redes são espaços de sociabilidade em que indivíduos passam a se relacionar por razões como afinidade, confiança, amizade, entre outras, estabelecendo laços sociais perenes que podem ser transferidos para outras esferas sociais pela relação de confiança estabelecida com o indivíduo de referência que participa do campo militante.

Alguns dos espaços originais da produção da rádio foram os sindicatos, os partidos políticos de esquerda e as organizações categorizadas pelos integrantes da rede militante como movimentos sociais, razão pela qual inicialmente na emissora a maioria dos integrantes eram sindicalistas e militantes partidários. Com o passar do tempo, estes começaram a frequentar o espaço universitário, o que abriu o leque de possibilidades de recrutamento de novos militantes.

Um dos primeiros jovens universitários a participar da rádio foi Paulo, que se interessou por política no curso pré-vestibular, durante as aulas de história. Disse que seu professor tinha uma “orientação de esquerda” e os instigava à crítica e a pensar como o atual estado das coisas tinha se originado. Nessa época, no ano 2000, aproximou-se do PT, como “uma grande parte da juventude da época”, onde passou a conviver com outros jovens militantes e participar do movimento estudantil após ingressar na universidade. A convite de outro militante do PT, também estudante universitário, conheceu a rádio comunitária.

Além da participação na rádio, Paulo também esteve em outros espaços ativistas, relacionando sua atividade partidária com

organizações não governamentais e cooperativas, sem distinguir atividades remuneradas de voluntárias:

Tinha outras formas de militância. Eu militei partidariamente, no Partido dos Trabalhadores, fui assessor do vereador (Beltrano - PT) durante um período de quase dois anos, participei em organizações não governamentais. Mas a minha atuação mais pesada sempre foi na rádio [...]. Eu investi um pouco mais de tempo na rádio, mas tive outros tipos de militância (Paulo, estudante, abril de 2012).

Permaneceu por um longo período na rádio produzindo programas de arte e notícias, a maior parte do tempo como voluntário. Atuou também na gestão da Prefeitura na cidade do interior do RS na gestão 2001-2004 (PT).

Assim como Paulo, Mari começou sua participação na rádio quando era estudante universitária. Em casa, Mari não teve contato com a política. Seus pais eram “muito inocentes” em relação à política, não sendo esse um tema recorrente no ambiente familiar.

Cursou a faculdade de comunicação social no período de 2002 a 2006. Nesta época, começou a envolver-se com a militância, participando do Diretório Acadêmico (DA) e depois no Diretório Central dos Estudantes (DCE). Também nesse período, conheceu Paulo e Daniel, estudantes de comunicação, os quais já participavam da rádio comunitária, e também Renato, que cursava a faculdade e, à época, era coordenador da emissora e sindicalista bancário.

Através da internet, conheceu a rádio, ao mesmo tempo em que participava do DA. Até esse momento, Mari não tinha relação direta com os seus participantes. Não houve intermediação de nenhum agente recrutador para sua chegada neste espaço, o

que caracteriza *laços fracos* com os meios midiáticos; *laços fortes* são as amizades com sujeitos já inseridos nas redes militantes e que apresentam os espaços para o ingressante (FLINGSTEIN; McADAM, 2011; FONTES; STEZLIG, 2004).

Os laços fortes passam a ser formados a partir do momento em que se decide participar de atividades junto ao diretório acadêmico ou ao Instituto de Estudos Políticos (IEP) e se passa a interagir de maneira continuada com outros agentes da rede militante.

Há, no caso de Mari, uma continuidade, ou melhor, uma coincidência temporal, no que diz respeito à rádio, considerando quais laços foram preponderantes para que tivesse conhecimento desta. No entanto, para se inserir em uma rede mais ampla de militantes foi fundamental sua participação pretérita em uma organização e também a relação com sujeitos já conhecidos por outros militantes e reconhecidos como tais – caso de sua iniciação no IEP, onde passa a atuar e aprofundar o envolvimento com a militância, participando da coordenação, ajudando na organização de eventos e outras atividades.

Foi neste período de faculdade que Mari estabeleceu a maioria dos contatos militantes que mantém até hoje. Sendo o processo de iniciação – o que já denomina militância – como uma forma de atividade relacionada a grupos políticos e sindicais e que se caracteriza pela inserção simultânea em diversas organizações, Mari deu maior importância a algumas por determinadas questões que inicialmente se apresentaram como sentimentais ou ideais.

Percebe-se que a participação cotidiana e a presença nestes diversos espaços de militância são fundamentais para a sustentação dessa rede, o que é facilitado pelo sentimento de acolhimento e recepção, e que resultará no estabelecimento de laços so-

ciais perenes. Um exemplo de envolvimento pleno dado em razão da construção do pertencimento é o caso de Daniel. Defensor incondicional de uma “comunicação popular e dos movimentos sociais, além de posicionada à esquerda”, é crítico ferrenho das mídias tradicionais e de partidos de direita. A preocupação com a política veio após o ingresso na rádio.

Convidado por Renato, foi conhecer a rádio comunitária durante o programa de notícias. Ao entrar no estúdio, foi bem recebido por todos e convidado a sentar-se à mesa de transmissão. Quando foram ao ar, Antônio comentou que estavam recebendo a visita de um estudante de Comunicação, e lhe passou uma notícia para que lesse. Daniel relata este primeiro contato:

Aí o Antônio (apresentador do programa) disse assim pra mim: “Tu fica aí que eu vou te dar uma notícia pra tu ler. Aí eu disse: “Não, tu é louco?”. E ele me disse: “Louco não, eu sou locutor”. Aí ele me fez dar uma relaxada. E eu estava com a notícia na frente aí eu li a notícia; [...] E aí o Diogo (estudante) dizia pra mim: “Ah, muito bom que tu gosta de rádio tu falou bem”. E aí já veio o convite da rádio, dentro do estúdio ali já e aí eu comecei a me envolver. Só que nisso de me envolver foi algo espontâneo e essa é a primeira fase do meu trabalho. Algo que eu tinha compromisso de estar na rádio, conviver com a rádio (Daniel, estudante, novembro de 2012).

Este primeiro contato lhe deu uma ótima impressão do ambiente, o que fez com que se engajasse na rádio logo depois. A recepção, relacionada ao envolvimento na rede, é uma das formas de diferenciar os ativistas e simpatizantes.

Outro elemento a se considerar é o risco – elemento significativo para compreender

os perfis dos ativistas. Atualmente a rádio é um ambiente “estável”, pois não há a ocorrência do que chamavam de “batidas” da Polícia Federal e, portanto, não existe esse risco para os envolvidos. No entanto, no passado recente, tais situações eram frequentes e serviam, indiretamente, para selecionar seus participantes de acordo com o nível de envolvimento.

O envolvimento em uma organização militante podia trazer consigo a possibilidade de conflito, variável de acordo com os objetivos e as características do grupo. Ao mesmo tempo em que restringia, de acordo com alguns integrantes da rádio, a possibilidade de trabalho em outros meios de comunicação, abria a possibilidade de aceitação pela rede social estabelecida pelos seus militantes. Neste aspecto, a restrição à participação se dava pelo cálculo de riscos daqueles que não gostariam de ser taxados de “esquerdistas” e, assim, ver suas chances profissionais restringidas, uma forma de selecionar os participantes de acordo com um recorte ideológico. Porém, os riscos na rádio comunitária não se restringiam à possível redução de oportunidades profissionais dos aderentes.

Por ser uma rádio comunitária sem licença de operação, havia o risco constante de “batida policial” por agentes da Polícia Federal (PF) e da Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL) para apreender seu material e periciar o local. As pessoas presentes nessas batidas eram constrangidas pela força policial e também tinham de prestar depoimento. Numa destas batidas, um dos operadores de som decidiu deixar a

estação por não se sentir confortável com tal situação. No entanto, o risco pode ser, ao contrário do que aponta McAdam⁴ (1986), um incentivo ao engajamento, variando de acordo com o tipo de ativismo.

Muitos jovens que começaram a trabalhar voluntariamente na rádio neste período, decidiram integrar-se a ela por definitivo em razão destas batidas policiais. Realizou-se uma ampla campanha na época para mobilizar apoiadores que a protegessem, de forma a trabalharem em turnos e buscarem junto a parlamentares a sua legalização. As atitudes da Anatel e da PF geraram um sentimento coletivo de injustiça (STEKELENBURG, 2013). Mari foi uma dessas pessoas e comentou sentir falta da época de embates, considerando que era um período “mais ideológico”. Era um momento de intensa militância, relacionada ao risco da atividade:

Na época que eu era aluna eu parei de fazer uns sete programas que eu me lembro assim. De estar fazendo, acontecer um stress, chegar polícia, chegar o cara, mostrar carteirinha, eu pegar as minhas coisas, descer e ir embora, de ficar aquela tensão: Tu volta, tu não volta. Do teu pai te dizer: -“É melhor tu ir pra outro veículo que é mais calmo do que esse”. Sabe... coisas assim. De tu falar que trabalha na rádio comunitária e teus colegas te verem de forma diferente... (Mari, estudante, em dezembro de 2012).

Mari reforça a percepção de que a existência de riscos – desde a taxaço de es-

4. Não se trata de negar as observações do autor, mas de considerar uma variação de grau do risco. McAdam pesquisou os riscos em escala física, pois analisou o engajamento de ativistas que se alistavam para registrar eleitores negros nos Estados sulistas dos EUA na década de 1960. Considero que é preciso levar em conta até que ponto os riscos são fator de afastamento e em que situações se mostram como fonte de recrutamento ao gerar sentimentos de injustiça.

querda até o confronto com a PF – é um demarcador de militância e que pode gerar maior envolvimento ao constituir os elementos de percepção de antagonista e, portanto, a consolidação da identidade coletiva dos participantes. Entretanto, aqueles que têm pouca participação, nestes momentos, acabam por afastar-se da organização. Tais riscos, como se percebeu na pesquisa, podem ser enfrentados mais provavelmente por determinados perfis de ativistas.

O engajamento existirá mais facilmente se o indivíduo contar com o apoio familiar e/ou ele não for um impeditivo para seu sustento. Se sua atenção está dividida, sua participação estará dificultada. Daniel comentou ter passado por momentos de indisposição com sua família por trabalhar na rádio comunitária enquanto estudante:

A rádio ela não remunera bem. Mas ela te abre portas. [...] Tinha pressão da minha mãe porque eu não tava ganhando nada, mas a (namorada) me apoiando. “Ah, essa rádio não tá te dando nada...” Dizia minha mãe. Consegui inclusive uma entrevista com um cara que era secretário de comunicação da prefeitura e foi muito amigo do meu pai. Daí eu fui falar com o cara e ele me ofereceu tranquilamente uma vaga de cargo de confiança (cc), e eu, já naquele momento, já tinha um envolvimento mais ideológico com a rádio. Falei para minha mãe: -“Mãe, não vou porque não vou conseguir. Não tenho estômago. Não vou lá falar bem da prefeitura. Não vou.” Daí teve um racha dentro de casa porque não tinha como pagar a faculdade. Mas ela continuou pagando um pouco, minhas irmãs também e eu também dei um jeito (Daniel, estudante, novembro de 2012).

No seu relato é possível perceber a importância do estabelecimento das redes so-

ciais e da associação de outras esferas da vida, de maior relevância, com o espaço de militância. A possibilidade de trabalhar com o que queria, juntamente com o apoio de sua namorada – que também começou a se preocupar com temas políticos – demonstra a aproximação destas esferas e a importância do ativismo para Daniel neste período de sua vida.

2.2. Engajamento

O processo de engajamento efetivo se dá quando o indivíduo se insere plenamente na rede militante, sendo reconhecido pelos demais integrantes como “companheiro(a)”, e torna tais espaços *esferas sociais* relevantes de sua biografia. Assim, passa a ter envolvimento continuado em organizações, aplicando maior tempo e intensidade na sua participação. Para que esta seja continuada, alguns elementos se mostraram significativos para determinar o envolvimento pleno, entre eles o *sentimento de pertencimento, a possibilidade de ver capitais valorizados no espaço de militância, o reconhecimento de seus pares, o compromisso e exemplos de lideranças que se apresentam como modelos.*

Seguindo a proposta analítica, a pesquisa demonstrou que os sentimentos podem acionar formas de racionalização para a participação, os quais ocorrem por meio de socialização continuada com os demais integrantes do grupo social militante e que, com o passar do tempo torna-se mais relevante na biografia do indivíduo.

Nesta fase do engajamento, quando ele se dá de forma continuada, um forte elemento de continuidade é o sentimento de pertencimento, que pode significar que se introjetou na personalidade do indivíduo a identidade coletiva de referência do grupo e/ou que essa esfera da vida passa a ter

maior relevância em sua biografia, relacionando-a a outras que são indispensáveis para alguns, como a família, por exemplo.

Na entrevista que concedeu, Daniel narrou como estava sempre “junto com o pessoal da rádio”, montando a pauta do programa em churrascos na casa de alguns de seus integrantes. Quando estava em casa, procurava estudar política para poder produzir e participar do programa de forma mais qualificada. Disse que certa vez, quando estava em casa, foi atender ao telefone e, automaticamente, falou: “Rádio comunitária!”

Antônio relatou o prazer de estar na rádio, e que, no início, ia pela manhã e ajudava nas transmissões. Como havia poucas pessoas, muitas vezes ficava até a noite. Sobre o início de sua participação, conta:

Eu lembro dos colegas ali, do próprio Cláudio... Então eu lembro que nos primeiros anos da rádio tinha gente que achava que eu era o dono da rádio, inclusive comentavam isso. Porque como eu era a pessoa que tinha mais facilidade, tirando fora o Cláudio que não podia estar presente ali e eu tinha muito tempo, eu tinha tempo disponível pra me dedicar (Antônio, ativista, dezembro de 2012).

Infere-se que da participação continuada surge a consolidação de laços sociais que, por sua vez, constituem a identidade do grupo. Tais elementos são mais facilmente constituídos quando há uma possibilidade do indivíduo levar experiências pertinentes de outra esfera da vida para a rádio, considerado como conversão de capitais.

O termo capital é utilizado de acordo com a formulação de Bourdieu (2010) sobre re-

ursos que são utilizados num determinado campo social e reconhecidos pelos demais integrantes daquele espaço como forma legítima de diferenciação e localização, denotando formas de hierarquia. Trabalhando com espaços militantes os principais capitais são: político, expresso como autoridade dentro do campo e oriundo do reconhecimento dos demais como representante ou liderança (BOURDIEU, 2004), e militante (MATONTI; POUPEAU, 2006), que é construído pelo exercício do ativismo dentro da rede especializada de militância. Deve demonstrar ser um ato desinteressado (BOURDIEU, 2010), como trabalhar de forma voluntária, etapa necessária para ser aceito (especialmente para os mais jovens) sem segundas intenções.

Na rádio, o exercício dessa militância e a aquisição de capital são realizados pela adoção das normas já estabelecidas, assim como pela linguagem utilizada, como “comunicação alternativa”, “valorização de músicos locais”, “apoio aos movimentos sociais”, e na participação e produção de programas. Esses aspectos tratam daquilo que se compreende como “estruturas estruturadas”, elementos encontrados pelos aderentes e que devem ser seguidos, consolidando o *habitus*.

No entanto, a participação dos ativistas requer, além da observação deste *habitus*, a contribuição que podem trazer na sugestão de pautas, programas ou temas, desde que não venha a interferir nos valores mestres – também compreendidos como ideologia e que criam *frames interpretativos*⁵ – adequando suas sugestões aos elementos orientadores. Este aspecto é considerado como “estrutura estruturan-

5. *Frames* ou quadros interpretativos são as maneiras como determinada temática social é interpretada por meio de uma definição compartilhada por uma coletividade (McADAM, TARROW e TILLY, 2001, p. 16) e como pode ser construída de forma a tornar-se objeto de ação coletiva (DELLA PORTA e DIANI, 2006).

te”, em uma linguagem bourdieusiana, ou a agência dos indivíduos.

Estas contribuições e sugestões são resultado de conhecimentos, experiências e saberes que trazem de outras esferas da vida e que são aproveitados no novo espaço de participação – no caso, a rádio – e que significam a possibilidade de converter capitais tidos como legítimos em outros espaços como dignos de serem aproveitados na nova esfera social. Servem, assim, como capital militante singular, forma específica de contribuição de um indivíduo em especial.

João começou na rádio de maneira voluntária, apenas como operador de som, sem produzir programas de seu gosto. Com o passar do tempo, ganhou a confiança dos demais integrantes da emissora, em especial de Cláudio, pois era pontual e fazia a operação de som por toda a manhã. Inicialmente, fez os programas editoriais, definidos pela coordenação, com os quais, como me disse, não tinha identificação, por não conhecer os temas e as músicas.

À época, Cláudio, sindicalista bancário, era o coordenador geral da rádio e um dos principais responsáveis pela programação. João ganhou a confiança de Cláudio e, por estar insatisfeito por não poder produzir o que gostava, foi conversar sobre a possibilidade de fazer um programa de seu gosto com músicas nativistas.

Houve uma resistência inicial com o argumento de que esse estilo musical, tocado no Rio Grande do Sul, estaria identificado como algo próprio de latifundiários, o que foi contestado por João.

Havia uma ideia dentro da rádio sobre o nativismo, que os cantores cantam músicas que pertencem ao latifúndio. E eu achava ridículo esse pensamento e batia de frente com muitos deles. [...] A música é daqui do Rio

Grande do Sul, tem que saber separar o joio do trigo, tem que saber quem é o autor. Tem aquele que defende o latifúndio, mas quantas tem que defendem o lado social!? Quantas músicas tem? Vários autores. Aí eu comecei a mostrar pra eles. Comecei a mostrar o tipo de trabalho, o tipo de autor e o tipo de música. [...] Se aquela música eu não gosto, se depreciava a mulher, o negro, sei lá quem, eu digo: olha essa música não dá. A rádio não toca, aqui não tem censura, mas tem um caminho, a rádio tem uma linha de conduta (João, operador de som, março de 2012).

João passa a fazer um exercício de ressignificação do estilo musical com base nos critérios ideológicos da rádio, sendo “critereioso” na escolha das músicas para tocar, e sendo enfático em separar o “nativismo” do “tradicionalismo”, termo que adota para expressar o que os coordenadores da rádio criticam quando falam mal da música que costuma selecionar.

Esta conversão de capitais se mostrou mais significativa naqueles indivíduos com mais idade, caso de João e dois operadores de som que trouxeram sua experiência pretérita para a rádio. Para os mais jovens, em idade universitária, parece ser mais significativo o processo de reconhecimento pelo esforço e entrega à emissora, compreendido como capital militante, o qual é adquirido através da prática dentro do campo especializado.

Na rádio, ele é conquistado pela entrega ao projeto, pela adequação ao *habitus* dos participantes mais antigos e pela contribuição na rede social militante, participando de atividades que não se restringem à presença na sede da estação, integrando outras organizações, contribuindo com atividades políticas e outras da rede de sociabilidade militante, incluindo os momentos de lazer, como festas de aniversário da rádio.

O reconhecimento para os mais experientes se dá pela legitimidade política e pela aceitação de sua liderança, no caso dos sindicalistas, o que lhes geram cobranças por parte dos demais integrantes da rádio. Para aqueles que não são sindicalistas, ocorre pela aceitação da validade dos capitais oriundos de outras esferas da vida, que estão relacionadas a experiências diversas.

Há uma prevalência moral dos sindicalistas, que parece algo imposto a eles e que é expresso na cobrança de sua presença constante para arbitrar disputas internas ou resolver problemas variados, incluindo o que é politicamente legítimo. O reconhecimento de sua autoridade é oriundo da gestão da rádio em todos estes aspectos – do operacional ao moral.

Os indivíduos que aderiram à rádio sem participar do meio sindical têm de adotar os seus valores e apresentar alguma contribuição diferencial, como nos casos de João e Antônio. É pela atuação e pela entrega ao projeto que têm de se mostrar como participantes e recebem o seu reconhecimento. Para os mais jovens, é a necessidade de reconhecimento do público interno à rádio por parte dos sindicalistas, que representam as lideranças e militantes ideais. Também pela expressão de que jovens são necessários para a sua construção, o que ocorre pela reprodução dos valores transmitidos pelos militantes mais experientes e consolidada o *habitus*. Mari narra um momento em que pensava em sair da emissora e conversava com uma amiga sua sobre isto.

[...] e aí eu falo dessa pessoa que quando eu falei isso ela: “Não, tu não pode sair da rádio”. Aí eu perguntei: “Por que não?”. E ela disse: “porque tu é uma últimas salvaçãoes da rádio, tu tens que ficar”. É uma pessoa assim, dos movimentos. Ela falou isso: “Tu precisa

ficar, se tu sair vai ser uma perda” (Mari, estudante, dezembro de 2012).

O entendimento de sua importância para a rede e/ou organização deve ser expresso por alguém que faz parte do grupo e que compartilha os códigos sociais sobre o que é significativo ou aqueles que são categorizados como antagonistas.

A retribuição pode ocorrer também pela ocupação de espaços representativos na rede de militância, consolidando um currículo para o indivíduo em que a experiência pode ser transferida para outras esferas, pela conversão do capital militante em capital profissional. Assim, entre os novos aderentes, é na possibilidade de ser aceito como um integrante do grupo e ter seu trabalho aceito e valorizado, além de ocupar um cargo, que se percebe o incentivo necessário à manutenção da militância. O reconhecimento público pelo papel desempenhado na rádio é importante, mas não é suficiente para a manutenção dos militantes após algum tempo de adesão. Isto é verdadeiro no caso dos mais novos e dos mais velhos, com exceção dos sindicalistas que têm sua remuneração oriunda da atividade sindical.

Os mais jovens passam por um período de voluntariado. Essa etapa apareceu como regra para a maioria dos militantes presentes na emissora, como forma de demonstrar que não estão, de antemão, interessados na remuneração, mas na causa da rádio, o que configura o *ato desinteressado*. Daniel expressa o sentido desse ato.

E quando eu começo a me envolver com a rádio cada vez mais, e a conhecer as pessoas e a criar um carinho pelas pessoas... eu penso: “Bah tche... isso aqui... imagina eu poder aliar isso aqui com uma remuneração”. Co-

mecei a achar aquilo ali o máximo. E aí me envolvi intrinsecamente com o “troço”. Acho que é por aí essa questão de como é que eu me enquadrei [grifo do autor] (Daniel, estudante, novembro de 2012).

Com o passar do tempo, para que seja possível a manutenção destes militantes, passa a ser necessária a remuneração, principalmente entre os mais jovens que começam a preocupar-se com seu sustento. Também ocorriam convites nos casos em que surgiam vagas remuneradas, fosse como estagiário ou como assalariado, e ainda era possível que se mantivessem esses militantes por meio de trabalho remunerado em alguma outra organização da rede de ativistas. Alguns que não tinham remuneração na rádio, passaram a produzir o jornal de um sindicato ou a realizar alguma tarefa no IEP ou em outras organizações que fazem parte dessa rede.

Receber maior remuneração, para os envolvidos no ativismo, não os leva a outra ocupação que percebam ser contra os seus princípios ou os valores do grupo. Paulo, ao comentar sua passagem na rádio, comenta:

[...] era mal remunerado – diga-se de passagem. Mas a gente sabia que era mais do que salário, a gente estava ali aprendendo e contribuindo de fato. A relação do trabalho, a visão produção, trabalho e renda, é diferente quando a gente é seduzido por aquilo ali a gente faz de coração (Paulo, estudante, novembro de 2012).

Como dito anteriormente, Daniel precisava pagar seus estudos. E então recebeu ajuda, através da indicação de seus companheiros de programa e de uma sindicalista que é apoiadora da rádio comunitária, e assim conseguiu um estágio na Rádio Educativa.

Percebe-se, portanto, que a garantia de condições financeiras mínimas para a manutenção desses militantes é uma estratégia fundamental para a continuidade da organização. Quando há a etapa inicial de voluntariado – e os indivíduos ainda estão ligados de maneira orgânica à rede ativista, e também quando há o sentimento de cumprimento de ideais – ocorre a expressão de um sentimento de compromisso para com os demais integrantes da rede e da organização.

Ao integrar a rede e participar de maneira continuada da rádio, a visão de mundo e da relevância de sua participação nos espaços militantes se torna um aspecto importante na biografia dos sujeitos envolvidos. O reconhecimento, a manutenção de laços de amizade e a possibilidade de retribuição pelo trabalho se mostraram fundamentais para as fases iniciais e de participação em momentos de ascensão do movimento, principalmente para os mais jovens. A noção de compromisso geralmente é mencionada quando os indivíduos já se sentem desestimulados a participar.

Uma das características da rádio é a rotatividade de pessoas e a concentração das responsabilidades em pessoas-chave que se tornaram referência dentro do grupo. A participação nela passa a ser encarada como um trabalho, uma tarefa a ser cumprida, mantida pelo sentimento de compromisso com os demais integrantes da rede e com a própria rádio, o que pode ser verificado pela sobrecarga de responsabilidades dos cargos de coordenação.

Os sindicalistas eram reconhecidos pelos demais como exemplos, especialmente pelo seu capital político e militante e serviam como um espelho para as condutas dentro da rádio. Havia, sobre eles, uma cobrança sobre a atuação nesta que também era transferida para as demais esferas da vida.

Diferentemente dos demais integrantes, eles permaneceram maior tempo vinculados à rádio, senão dentro dela, acompanhando e auxiliando em algum momento. Essa participação mais longa fez com que o ativismo se desse na forma de uma obrigação ou compromisso, com o desgaste das cobranças de presença constante e da encarnação de autoridade que “dê a linha” e ofereça segurança aos demais. Mari fala sobre a presença dos “fundadores” na rádio quando começou a participar dela.

[...] os fundadores da rádio comunitária, no período que eu acho que ela era melhor, eles eram sujeitos que eram protagonistas na programação da rádio. Tinha o Cláudio, que é um dos fundadores, que era o cara que estava de manhã e mesmo que não estivesse de tarde, ele estava ouvindo de tarde, e às vezes de noite e nos finais de semana. E todos que faziam programa sabiam que existia o Cláudio, isso faz com que se tenha uma militância maior. Porque um dos fundadores está ali te influenciando o tempo inteiro, tu acaba pegando aquele espírito bem ou mal, de militância. [...] tu tinha pessoas que sofreram questões da rádio junto com a rádio, pensaram a rádio, projetaram a rádio fazendo programa contigo, produzindo, te dizendo que tu tem que ir na rua (Mari, estudante, dezembro de 2012).

Mari oferece elementos para pensar no que são essas representações. A autoridade dos sindicalistas aparece nas falas dos entrevistados tanto pelo seu papel na manutenção financeira quanto na produção da programação e como fonte de inspiração para a militância. No entanto, esse protagonismo positivo é realçado sempre como uma virtude passada. Servem como um mito fundador ao realçar o papel como

“fundadores” da rádio numa conjuntura de mobilização ascendente que parece ter sido substituída por uma percepção negativa do presente momento, o que leva a situações de desengajamento.

2.3. Desengajamento

O processo de desengajamento ocorre quando o ambiente de confronto com um antagonista é sublimado ou substituído por um processo de institucionalização das pautas, de forma a torná-las negociáveis e rotinizadas. A percepção de que o combate à injustiça, que levou o sujeito à organização, não traz resultados; a noção de que não recebe retribuição suficiente pelos seus esforços e a quebra da visão idealizada dos objetivos e dos sujeitos à sua volta, são alguns dos elementos que compõem esse processo.

Perante tal situação, persiste a militância de alguns em razão da manutenção do *habitus* adquirido no ativismo continuado, tornando-se parte dos aspectos relevantes da biografia do indivíduo. O processo de desengajamento na rádio se dá levando tais aspectos em consideração. Alguns se sentem compelidos a participarem, mas o fazem esporadicamente, de maneira a não perderem o vínculo com a organização e seus integrantes. Outros se afastam definitivamente e procuram outros espaços onde possam aplicar elementos apreendidos na sua participação na rede militante. Também existem casos em que há afastamento e retorno, muitas vezes de curta duração.

Renato, sindicalista e coordenador de programação da rádio, antes de avisar seu desligamento aos demais integrantes da estação, comentava: “Cara, é só incomodação...”. Todas as manhãs, ia à emissora para ajudar na programação e recebia demandas de resolução de problemas que Renato

entendia “*ser ordinários*”. Também Airton, sindicalista e coordenador de finanças, ao declarar que “*vai levando enquanto pode*”, alega serem sempre os mesmos problemas, “*coisas para resolver*”. Ambos, em diversas situações, explicaram-me que a participação na rádio deixou de ser um prazer e passou a ser um “*trabalho*”.

Gusmão, que já havia dito que permaneceu na coordenação geral da estação por sentir-se comprometido com o projeto, fala que busca trazer os antigos militantes para dar novo ânimo à programação e compara a participação na rádio a um relacionamento afetivo.

Estou trazendo algumas pessoas lá do começo da rádio, quando tinha aquela coisa de militância, de tesão mesmo, sabe? Por que a rádio no começo era tesão né cara. Pô a rádio, era uma coisa nova. Depois parece uma coisa que nem casamento. [...] aquele tesão passa, a coisa fica meio comum, fica meio... rotina (Gusmão, ativista, junho de 2012).

É possível verificar em Gusmão e em outros militantes, que o engajamento continuado leva a uma percepção de desgaste pessoal na continuidade de sua participação ao celebrar o passado, no período inicial da adesão, como o melhor momento de participação e um desejo de retorno a esta fase.

Além da rotina, processo que se desenvolve com a continuidade da organização para além dos momentos de mobilização, há uma percepção de que as relações estabelecidas dentro da rádio, especialmente considerando as demandas feitas pelos que detêm autoridade neste espaço, são injustas, pois não atendem às necessidades dos engajados.

Paulo, que participou da rádio durante cinco anos como voluntário, afastou-se por um algum tempo para realizar atividades

remuneradas. Nesse período fazia a arte gráfica do jornal do Sindicato dos Bancários e recebia retorno financeiro para tal tarefa. Por estar presente constantemente no sindicato, Renato lhe convidou a participar novamente da rádio.

Então o Renato me convidou e eu disse: “Olha Renato, eu não tenho condições mais de trabalhar como voluntário num período de tempo. Se tu quiser que eu trabalhe num horário que eu possa, eu posso ser voluntário... Do contrário eu preciso sobreviver”. Eu não lembro quanto era o salário, mais ou menos R\$ 400,00, acho. E ali eu voltei pra fazer o jornalismo da rádio (Paulo, estudante, abril de 2012).

Paulo traz a compreensão da impossibilidade de receber maior remuneração naquele espaço e que estava lá por ser algo prazeroso, pela militância, sendo impossível permanecer pela necessidade de maior rendimento. “Claro que depois a vida cobra da gente, que a gente priorize mais a questão financeira e a gente acaba indo por um outro caminho” (informação verbal).

Visão mais crítica sobre as tais exigências tem Daniel, que separa sua participação na rádio em três períodos diferentes. O primeiro em que estava aprendendo com os demais sobre comunicação e iniciava os estudos na faculdade; trabalhava de forma voluntária e não via problema com isso, e dedicava-se a aprender os temas debatidos para poder contribuir nas pautas do programa de notícias. No segundo, já envolvido com a rede militante e com a política, procurava permanecer envolvido, mas tendo de se preocupar com sua subsistência ocupava-se de atividades remuneradas oferecidas pela rede de militantes. No terceiro momento, após ter concluído o mestrado

em comunicação, voltou a participar da rádio comunitária.

No entanto, começou a perceber uma cobrança dos demais sobre sua postura a respeito da rádio, em razão de estar afastado.

Comecei a participar de outras coisas, projeto de extensão na faculdade e estes outros trabalhos e o Diogo meio que começou a me cobrar algumas coisas, e a gente ate meio se desentendeu. Ele dizia: “Bah, tu não tá na rádio, tu precisava estar na rádio. A gente precisava de ti aqui.” Começou a me questionar quais eram minhas prioridades, me pressionar. Todo esse período a (namorada) me apoiando, no que eu estava fazendo. Daí essa foi a segunda fase na rádio comunitária, que eu tinha outras coisas que me remuneravam e acabei me afastando. Mas ainda tinha um envolvimento com a rádio. Mas fui me afastando, me afastando. Então teve uma fase que me afastei mesmo da rádio (Daniel, estudante, novembro de 2012).

Nesse período, sentia a obrigação de participar das atividades da rádio, espaço em que originalmente havia se inserido, mas suas necessidades imediatas tornavam isso inviável.

Também a convivência duradoura e continuada na rádio com as lideranças, em especial a dos sindicalistas, reduz o impacto positivo dos fatores motivacionais para o ativismo, pois elas deixam de ser consideradas o modelo idealizado criado pelas expectativas dos ativistas à sua volta.

Há, para tais lideranças, a cobrança de uma conduta que deveria ser exemplar, e que leva a uma situação paradoxal. Quando estão presentes, são criticados por alguns por sua postura autoritária e, quando não estão na rádio, são criticados pela ausência e pela falta de orientação aos demais. Tais

cobranças desgastam a participação desse grupo, que de “prazerosa” passa a ser percebida como “trabalhosa”. Para os demais ativistas, a quebra da imagem ideal deixa de ser um atrativo, ou modelo ideal, o que com o tempo passa a ser uma razão para afastarem-se.

Airton, responsável pelos pagamentos, é criticado por intervir demais na contratação e demissão do pessoal da rádio, ou melhor, por não esclarecer as razões para tais decisões que não são somente dele.

Assim como Airton, Renato esteve presente até 2011, rotineiramente. Disponibilizou-se a ser o responsável legal pela rádio, o que gerou problemas em diversas situações. Também era um dos mais criticados. Ao anunciar sua saída, diversos integrantes da emissora foram reclamar que ele não poderia fazer isso, que “os estava abandonando”, considerando-o egoísta.

Gusmão, mesmo presente desde o princípio e sendo constantemente citado como o sujeito que apresentou a rádio e convidou alguns programadores da rádio a participar, parece não ser reconhecido como liderança no mesmo grau dos sindicalistas. Eleito para coordenação geral, passou a ser o principal representante da rádio e responsável pelas decisões e também foi alvo de uma série de críticas – a principal delas a de ser muito autoritário.

Aos ausentes, cabe a responsabilidade e a crítica de não estarem na rádio para auxiliar na “formação” e em “dar a linha”. Aos presentes recai a pecha de autoritários, centralizadores ou de fonte de decepção e, independentemente da sua condição, é reconhecido pelos demais o poder que esta categoria tem para a (re)produção do espaço. O envolvimento gera cobranças para os que se colocam como figuras relevantes. Essa distinção entre categorias, em que se

atribui a cada grupo determinadas características e representações sobre si e sobre os demais, constitui o campo militante.

Dentro da organização, existem duas formas de participação: os ativistas, que adotam uma visão de mundo compartilhada pelos demais integrantes da rede militante e que dão maior importância aos aspectos militantes, se comparados às demais esferas de suas vidas, e os “caroneiros”, sujeitos que não participam da rede, mas utilizam o espaço para divulgar temas de seu interesse sem destoar do propósito da rádio.

Deve-se na primeira categoria para a análise do espaço, dado que sua imersão é mais intensa e são os que produzem de fato a estação e “alimentam” a organização com novos militantes, sejam eles sindicalistas, estudantes, operadores de som ou ativistas sem experiência militante prévia. Os “caroneiros”, ao produzirem seus programas sem constituir laços perenes com os demais participantes da rádio, auxiliam na constituição de novas interações e contatos para a rede ao recrutarem pessoas em outras esferas da vida.

Considerando a forma militante de participação como a que detém o privilégio da produção do espaço, as distinções internas à categoria auxiliam na compreensão do posicionamento dentro do campo e levam em conta a posse de capitais diferentes para suas localizações e diferenciações, em especial os militantes, políticos, econômicos e culturais. Tais características vão determinar a localização, participação e compreensão sobre os demais integrantes do espaço.

O capital político é percebido na rádio como próprio dos sindicalistas que trazem uma autoridade de seus sindicatos e são coordenadores da estação. A esses também cabe o papel de liderança e de sustentação, pois é deles a responsabilidade do paga-

mento, da estrutura e do pessoal. Tais incumbências passam a ser vistas como obrigação pelos demais integrantes da rádio e até pelos próprios agentes. Dois deles relatavam constantemente um cansaço pelas cobranças que recebiam e acabavam encerrando sua participação como “obrigação”.

Além das obrigações da rádio, chegavam a eles demandas de outras organizações da rede militante em razão de sua representação dupla (rádio e sindicato). Tal percepção fez com que passassem a participar de forma distante, o que causou em alguns um sentimento de abandono, em especial por parte dos mais jovens, que reclamavam da necessidade de “formação”, resultado de suas práticas nos sindicatos e na vida partidária.

Os jovens estudantes ingressam na rádio e começam a adotar a visão de mundo dos demais integrantes da rede militante e com a participação passam a (re)produzir capital militante, resultante da adoção e da prática destes valores, além daquele capital em construção na academia.

O processo de aprendizagem da militância é concomitante com o cultural e, findada a formação acadêmica, muitos passam a perceber os limites de ocupação dentro da rádio em suas possibilidades de atuação e posicionamento dados os limites de remuneração, sem o comprometimento deste espaço, o que os faz considerá-lo como um momento de transição em sua biografia individual. Também percebem que o ativismo concorre em termos de ocupação com o tempo para a formação profissional. Dada a estrutura reduzida e os escassos recursos da rádio, os jovens conseguem, no máximo, receber como salário o piso da categoria de comunicador, parte da política financeira de isonomia de tratamento entre os que são remunerados para trabalhar na rádio.

Já tendo adotado a visão de mundo da participação na rede militante que se tornou uma esfera significativa de sua biografia, buscam aplicar os conhecimentos adquiridos na rádio e na rede em atividades profissionais futuras, convertendo o capital militante em profissional.

Com a percepção de transição de sua participação na rádio e de posse dos capitais culturais e militantes, adotam uma visão diferenciada dos demais integrantes da rádio, em especial daqueles que detêm somente o capital militante e passam a vê-la como local privilegiado para a atuação destes agentes e dos sindicalistas.

Mesmo não declaradamente, os capitais simbólicos têm um papel fundamental para o posicionamento dos militantes dentro da organização, sendo o cultural uma forma de recorte que possibilita a transição para outros espaços em forma ascendente em termos financeiros. Tal mudança ocorre também em razão do envelhecimento dos universitários que passam a ter outras responsabilidades. Surge um processo de afastamento em razão dos constrangimentos biográficos, mais facilmente perceptível nos mais jovens por estarem em um processo de transição de tipos de compromisso familiar. O suporte ou a inexistência de crítica para o envolvimento militante aparece como fator importante para o ingresso no ativismo nessa fase da vida.

Daniel teve sua segunda saída da rádio por razões familiares e acadêmicas. Sua companheira, a mesma desde que cursava a graduação, o apoiava no início de seu engajamento. Quando passam a residir juntos, os compromissos financeiros começaram a pesar: passou a se preocupar com o sustento do casal ao mesmo tempo em que queria uma ocupação que não comprometesse sua visão de mundo.

E isso é o que dá um conflito com a (namorada), porque ela me diz que eu sou um trouxa. Tipo, ela fala: Pô, tu sabe que a sociedade é assim. Tu tem que fazer o teu [...] Em Porto Alegre a gente esteve só com a minha bolsa (de mestrado). Depois os dois estavam com bolsa. Lá era uma condição e agora é outra. Hoje com setecentos pila em casa é uma condição. Com mil e quatrocentos e mais a renda dela seria outra condição. Então a (namorada) enxerga isso de uma forma mais prática e eu, sinceramente, eu quero isso, só que é a contradição do dia a dia. Como conseguir as coisas, e aqui as coisas são foda, pra colocar a cabeça no travesseiro e ficar com a cabeça pesando (Daniel, estudante, em novembro de 2012).

Em 2013, Daniel foi aprovado em um curso de doutorado em comunicação social com bolsa e passou a se dedicar integralmente a essa atividade.

Este exemplo ilustra a relação existente entre o tempo biográfico e o conjuntural para determinar os caminhos de uma organização política. Aqueles que permanecem na rádio o fazem por se sentirem profissionalmente realizados e porque veem na sua militância um objetivo mais significativo, não existindo forma alguma de empecilho biográfico para que permaneçam engajados.

Os jovens expressam as transformações biográficas pelas quais passam novos aderentes, como o *ethos* militante fixa-se em suas trajetórias e como a organização apresenta limites ao desempenho do ativismo, ainda mais se relacionado ao acúmulo de capital cultural advindo da academia, assim como as transformações pelas quais passam em suas vidas privadas. Tais transformações biográficas geram novos tipos de compromissos que passam, muitas vezes, a competir como o ativismo que não dá retorno financeiro suficiente à sua manutenção.

Os sindicalistas são expressão fenomênica da passagem do tempo de um tipo particular de sindicalismo, que se compreendia como novo e que era atrelado ao bloco da frente popular, relacionando a conjuntura de “institucionalização” da política que não deixa muitas perspectivas de ativismo fora desses moldes para aqueles que pretendem permanecer vinculados aos seus sindicatos, dado que a maioria de seus pares pertence a agremiações partidárias petistas ou similares.

Considerações finais

As dinâmicas apresentadas estão colocadas em um contexto de amadurecimento dos MS, do qual a rádio fazia parte e passou a dar maior ênfase na ação de seus integrantes e colaboradores pelo estado, como integrantes de governos, e a privilegiar formas de atuação que se diferenciam significativamente daquela fase de formação dos anos 1990 e 2000.

A rádio, que tinha como prática a busca pelo embate com os governantes colocados num grupo compreendido como antagonico, passou a desempenhar um papel, em diversas situações, de retransmissora de informações oficiais, a partir de 2002. De agente aglutinador de reivindicações e pautas por meio de embate, passa a uma ferramenta de comunicação colaborativa, em alguns momentos, com os governos federal, estadual e municipal, variando seu tom de comunicação se alguma destas esferas for comandada por agrupamentos políticos os quais o grupo entende não serem próximos a eles. Disso decorre que muitos dos militantes, habituados ao embate, passaram a perceber sua participação como mais rotinizada e “menos ideológica”.

Os ativistas do início da rádio, em especial os sindicalistas, ao saírem da universi-

dade, deixaram de recrutar novos ativistas, não havendo renovação em especial entre os integrantes do movimento estudantil desde então. Ademais, outras organizações que compõem os movimentos sociais, como o Instituto de Estudos Políticos, deixaram de renovar o número de integrantes, em grande parte em razão da reconfiguração da atuação do Partido dos Trabalhadores, que teve papel preponderante como dirigente das ações do bloco histórico. Tais elementos estruturais são significativos para compreender a forma de atuação dos militantes dentro da rádio a partir desse período e da configuração das organizações e atores da rede militante. Cabe a observação de que estes elementos, por si, não bastam para entender o comportamento dos ativistas engajados.

A pesquisa, ao enfatizar o cotidiano dos engajados, demonstrou que elementos como reconhecimento, recepção, envolvimento e decepção, entre outros aspectos tidos como emocionais, são preponderantes para entender as formas de atuação dentro de uma organização militante. Também demonstrou que parece haver um ciclo temporal de amadurecimento da organização e dos militantes no que tange à sua atuação.

Sobre a rádio, com o passar do tempo e de mudanças da composição das organizações e práticas que compõem os MS, ela mudou de perfil e passou de práticas combativas para as rotineiras, persistindo sua existência mais pelo hábito do que pela sua capacidade de intervenção e transformação. Os sindicalistas responsáveis pela sua manutenção comentam que continuam a participar dela, mesmo que esporadicamente, e a financiar a sua estrutura, pela responsabilidade que sentem com as pessoas que trabalham na rádio.

Sobre os militantes, há um perfil que remete a um recorte profissional e geracional,

mais bem percebido entre os mais jovens que iniciam sua militância na rádio. Os trabalhadores que participam da direção sindical de suas respectivas categorias tendem a continuar na rede militante independentemente da idade, não havendo constrangimento para sua participação, uma vez a atividade política faz parte de suas atividades profissionais, sendo visto por alguns como *trabalho*, tendo este termo uma carga negativa implícita em suas falas. O que muda é a sua postura a respeito do ativismo. Eles tendem a participar de uma maneira mais cética e a tratar suas participações como desgastantes. Soma-se a isso a postura que passam a adotar em razão do desdobramento que os MS, dos quais são oriundos, priorizam. Permanecem na organização por um sentimento de compromisso, sem que haja prazer na atividade.

Os jovens expressam um ciclo de suas vidas que se relaciona à possibilidade de participar pela falta ou pouca existência de constrangimentos para o ativismo e à formação de redes sociais na vida acadêmica, relacionadas à esfera militante. Durante o processo de engajamento, formam suas visões de mundo com base em processos de socialização, que priorizam aspectos emocionais, e na perspectiva de aplicar essa visão por meio da organização. No decorrer da militância, muitos destes jovens passam a perceber que os objetivos dos MS não são facilmente alcançados ou que são diferentes daqueles divulgados, assim como percebem uma quebra do modelo ideal percebido no seu ingresso.

Para muitos, é nessa fase que começam a participar de atividades políticas e a se integrar em redes especializadas na política, que podem realizar essa predisposição, se as condições materiais a permitirem, seja em razão da conjuntura política ou da exis-

tência de estruturas de mobilização. Varia o tempo de participação em uma organização específica se os objetivos desta são realizados e se, no desenvolvimento geracional do indivíduo, ela responde às suas necessidades materiais, o que não foi colocado pelos entrevistados como elemento preponderante.

Em suma, constituída uma visão de mundo e não sendo possível continuarem engajados numa organização por algum dos motivos abordados, os militantes procurarão atividades profissionais que de alguma forma possibilitem a prática militante ou que requeira os conhecimentos adquiridos na forma de capitais para sua execução. Conclui-se também que o *ethos* militante adquirido não fará com que os sujeitos permaneçam vinculados àqueles MS no qual iniciaram seu ativismo. Com o fim da experiência em um MS, podem, por fatores que justificarão como ideológicos, procurar outros que se distinguem de alguma forma do inicial.

Referências

- ALONSO, A. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. In: Lua Nova: revista de cultura e política. São Paulo, n° 76, , 2009, p. 49-86.
- AMINZADE, R. et al. *Silence and Voice in the study of contentious politics*. New York and Cambridge: Cambridge University press, 2001.
- ANGROSINO, M. *Etnografia e Observação Participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BOURDIEU, P. A Ilusão Biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2004.
- BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 10. ed. Campinas: Papirus, 2010.

- CORCUFF, P. *As novas sociologias: construções da realidade social*. São Paulo: EDUSC, 2001.
- DELLA PORTA, D. e DIANI, M. *Social Movements: an introduction*. USA: Blackwell Publishing, 2006.
- DIANI, M. The concept of social movement. In: *Sociological Review*. Keele: Keele University Press, nº 40, 1992.
- ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FLINGSTEIN, N.; McADAM, D. Toward a General Theory of Strategic Action Fields. *American Sociological Association*. 29:1 Março, 2011.
- FONTES, B. A. S. M., STELZIG, S. Sobre trajetórias de sociabilidade: a ideia de relé social enquanto mecanismo criador de novas redes sociais. In: *Política e Sociedade*. nº 5, outubro. 2004, p. 1-21.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. São Paulo: LTC, 1989.
- GIDDENS, A. *A constituição da sociedade*. 3. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- GOHN, M. G. *Teorias dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2010.
- JASPER, J. M. A Strategic approach to collective action: looking for agency in social-movements choice. In: *Mobilization: an International Journal*, nº 9 (1): 2004, p. 1-16,
- MANNHEIM, K. *Ideologia e utopia: introdução à sociologia do conhecimento*. Porto Alegre: Globo, 1952.
- MATONTI, F.; POUPEAU, F. O Capital Militante: uma tentativa de definição. In: *Plural - Revista de Ciências Sociais*. v. 13, 2006/2
- McADAM, D. *Political Process and the development of black insurgency: 1930-1970*. Chicago: University of Chicago Press, 1982.
- McADAM, D. Recruitment do hig-risk activism: the case of Freedom Summer. In: *The American Journal of Sociology*. v. 92, nº 1, jul. 1986, p 64-90.
- McCADAM, D.; TARROW, S.; TILLY, C. 2001: *Dynamics of Contention*. New York: Cambridge University Press. 2001.
- McCARTHY, J.D. e ZALD, M. N. *The Trend of Social Movements in America*. Morriston, NJ, General Learning Press: 1973.
- ORTNER, S. B. Poder e projetos: reflexões sobre a agência. In: *Conferências e Diálogos: saberes e práticas antropológicas*. 25ª Reunião Brasileira de Antropologia. Goiânia, 2006.
- PICHARDO, N. New Social Movements: a critical review. In: *Annual Review of Sociology*. nº 23, 1997.
- STEKELENBURG, J. V. The Political Psychology of Protest: sacrificing for a cause. *European Psychologist*. vol. 18(4), 2013, p. 224-234.
- TARROW, S. *O poder em movimento: movimentos sociais e confrontos políticos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

RESUMO

O artigo analisa como ocorre o engajamento em uma rádio comunitária considerando a perspectiva dos sujeitos envolvidos. Abordam-se os aspectos macrosociais que possibilitam ou restringem a militância e a forma de atuação destes indivíduos dentro da organização, compreendendo os períodos do ingresso, engajamento e desengajamento. A pesquisa utilizou a observação participante e entrevistas em profundidade com os indivíduos envolvidos com a rádio e também membros da rede social militante. Demonstrou-se que aspectos emocionais e estabelecimento de laços são fundamentais em todas as etapas do engajamento. Também deve-se observar a percepção de eficácia da organização com relação a seus objetivos e às formas de retribuição para com seus participantes, além dos aspectos geracionais como definidores da participação continuada.

PALAVRAS-CHAVE

Movimento social. Ativismo. Rádio comunitária. Trajetória militante.

ABSTRACT

The article examines how the engagement occurs in a community radio considering the perspective of those involved. It addresses the macro-social aspects involved that enable or restrict militancy and the modus operandi of these individuals within the organization, including the time of entry, engagement and disengagement. The research used participant observation and in-depth interviews with individuals involved with radio and also participants of militant social network. It has been shown that emotional aspects and establishing ties are crucial in all stages of the engagement. It should also be noted the perceived effectiveness of the organization in its goals, as well as forms of consideration for its participants, in addition to the generational aspects as defining the form of continuing participation.

KEYWORDS

Social movement. Activism. Community radio. Militant trajectory.

Recebido em: 05/07/14

Aprovado em: 16/04/15

